

# A Geografia na Contemporaneidade

## 2

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
<a href="#">Ana Carolina Lydia</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
<a href="#">Iapony Rodrigues Galvão</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
<a href="#">Ismael Donizete Cardoso de Moraes</a>	
<a href="#">Vanilton Camilo de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
<a href="#">Cássia Hack</a>	
<a href="#">Celi Nelza Zülke Taffarel</a>	
<a href="#">Sicleide Gonçalves Queiroz</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
<a href="#">Reinaldo Pacheco dos Santos</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
<a href="#">Fátima Regina Cividini</a>	
<a href="#">Valdir Gregory</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
<a href="#">Romisval Silva dos Santos</a>	
<a href="#">Elane Bastos de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

**CAPÍTULO 8 ..... 83**

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821128**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821129**

**CAPÍTULO 10 ..... 109**

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211211**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211212**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211213**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva	
Renata Felinto Farias Aires	
Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>193</b>
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato	
Emerson Ferreira da Silva	
Irene Carniatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo	
Maria Morgana Santos Santana	
Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha	
André Avelino Cabanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>233</b>
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>249</b>
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos	
Gilmar Oliveira da Silva	
Elane Bastos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso	
Mariluci Neis Carelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>269</b>
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>280</b>
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>294</b>
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>309</b>
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211226</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>319</b>



## O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

### **Ismael Donizete Cardoso de Moraes**

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG e professor formador no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do estado de Mato grosso  
Barra do Garças – MT

### **Vanilton Camilo de Souza**

Professor no Instituto de Estudos Socioambientais da UFG  
Goiânia – GO

**RESUMO:** Este artigo discute aspectos relacionados ao conceito de lugar na formação continuada e no ensino dos conteúdos de Geografia por professores pedagogos que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. A abordagem histórico-cultural de Vygotsky e a teoria do ensino desenvolvimental de Davydov norteiam esse trabalho e o mesmo é resultado de um curso de formação continuada para os docentes nos referidos anos. A metodologia utilizada pautou-se na pesquisa qualitativa e o levantamento de informações teve como base a observação. Ao analisarmos os resultados obtidos com a pesquisa, pouco se evidenciou na prática pedagógica das professoras uma mudança em relação à proposta metodológica que levasse, por um lado, à superação do ensino tradicional e, por outro lado, na

utilização do lugar como ponto de partida para o ensino dos conteúdos de geografia. Isso não quer dizer que o ensino desenvolvimental não possa contribuir na formação continuada e na atuação dos professores em sala de aula. Entretanto, mesmo que a formação seja de curta duração, é necessário que se estabeleça etapas de planejamento e execução da teoria em sala de aula, com o acompanhamento do professor formador, haja vista que a pesquisa evidencia fragilidade didático-metodológica das professoras envolvidas. Entendemos que foi pertinente a experiência e os resultados mostram que o ensino desenvolvimental é uma proposta viável na formação continuada de professores, principalmente quando se almeja a superação da organização do ensino que promove apenas o desenvolvimento do pensamento empírico dos conteúdos geográficos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lugar, Formação continuada, Ensino desenvolvimental.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo discute a problemática que envolve a formação continuada de professores pedagogos e o ensino dos conteúdos de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Nossa preocupação com o tema surgiu a partir de uma série de atividades

que realizamos enquanto professor formador no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação do Estado de Mato Grosso (CEFAPRO). Nessas atividades de acompanhamento da formação continuada e nas discussões com colegas percebemos que o ensino ainda se baseia essencialmente na transmissão de informações e fatos sem relação com o conhecimento geográfico. Isso fez com que buscássemos outras perspectivas de organizar o ensino, na qual professores e alunos pudessem se apropriar do conceito, não como definição, mas de tal forma que desenvolvessem o pensamento teórico.

Assim, nossa hipótese é a de que existem fragilidades teóricas em relação aos conceitos das disciplinas, acentuando-se entre os pedagogos, responsáveis pela formação das crianças de zero a dez anos em todas as disciplinas. Isso faz com que os conteúdos sejam ensinados de forma tradicional e, muitas vezes como uma reprodução do livro didático.

Diante da condição de superficialidade do ensino e da aprendizagem da Geografia pouco referenciado pelos conceitos, por parte dos alunos, surgiu a ideia de organizar um curso formação continuada para professores pedagogos, destacando alguns conceitos que vinham sendo pouco enfatizados na formação inicial e, quando ocorriam, era de forma empírica.

Desse modo, a formação continuada dos professores pedagogos das escolas públicas de Barra do Garças e Pontal do Araguaia foi planejada e desenvolvida por dois professores formadores de Geografia e uma pedagoga que atuava na alfabetização. Todas as etapas do curso de 40 horas – planejamento e desenvolvimento – foram definidas a partir dos fundamentos da abordagem histórico-cultural e, fundamentalmente da didática desenvolvimental de Davydov. Os conteúdos do curso foi desenvolvido a partir dos conceitos de lugar, paisagem e cartografia. Nesse artigo, no entanto, enfatizamos somente o conceito de lugar que tem se destacado como referencial teórico-metodológico para o ensino dos conteúdos de geografia, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para o desenvolvimento desse estudo, estabelecemos como objetivo principal analisar as contribuições do curso de formação continuada – o ensino de geografia na perspectiva da teoria desenvolvimental de Davydov – na prática pedagógica dos professores pedagogos da rede pública estadual de Barra do Garças-MT e Pontal do Araguaia-MT.

Para nos aproximarmos desse objetivo buscamos conhecer a concepção de lugar dos professores que participaram do curso de formação continuada; analisar se a organização didática do curso de formação continuada contribuiu para a apropriação do conceito de lugar pelos professores pedagogos em uma perspectiva teórica e; identificar se os professores utilizam o lugar como referencial para o ensino dos conteúdos de geografia.

Para analisar se a formação continuada, pensada a partir dos pressupostos do ensino desenvolvimental, contribui com a formação dos professores pedagogos,

nos pautamos no método dialético que, segundo Sánchez Gamboa (2012), quando empregado em pesquisa qualitativa, possibilita que os fatos não sejam considerados fora de um contexto social. Além disso, Ludke e André (1986) dizem que a pesquisa qualitativa possibilita um contato direto e prolongado do pesquisador com o objeto que está sendo pesquisado e, ainda, permite uma descrição minuciosa dos acontecimentos, das situações e dos materiais obtidos, elementos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Para a produção de informações utilizamos o questionário, a observação e a entrevista, porém nesse artigo discutimos apenas o resultado da observação.

No total foram observadas 16 aulas de duas professoras e os conteúdos dessas aulas foram alfabetização cartográfica em uma sala de segundo ano da professora P5 e regionalização do Brasil, relevo e vegetação do Brasil e regionalização do continente americano em uma sala de quinto ano da professora P4.

## **2 | A PRÁTICA DOCENTE DAS PROFESSORAS QUE PARTICIPARAM DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA.**

Embora 25 professores tenham concluído o curso de formação continuada, observamos somente a prática de ensino de duas professoras, doravante denominadas P4 e P5. A escolha dessas professoras foi direcionada pelas turmas nas quais desenvolvem a docência, ou seja, optamos por duas professoras que, em 2014, estavam lecionando no 2º e no 5ª ano, assim poderíamos analisar o lugar como referência para o ensino de geografia no início e no final dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **2.1 A atuação da professora “P5”**

A professora “P5” exerce a atividade docente há quinze anos. Concluiu a graduação, na modalidade à distância, em uma instituição particular. Possui a especialização na modalidade presencial e, em 2014, assumiu uma sala do 2º ano. Durante as observações das aulas, percebemos que a professora tinha uma proposta metodológica que inclui diversas atividades de ensino e aprendizagem. Dentre elas destacam-se as aulas expositivas dialogadas, trabalhos em grupos, leitura individual e coletiva e debates.

O conteúdo do período de observação esteve basicamente vinculado à alfabetização cartográfica, na qual foi possível perceber o início do desenvolvimento de alguns conceitos como localização, orientação, representação cartográfica, pontos de referência e relações espaciais, tendo como referência o lugar, o espaço próximo e conhecido pelas crianças. A exceção esteve por conta de dois dias letivos em que foram desenvolvidas atividades relacionadas aos países participantes da Copa do Mundo.

Para trabalhar localização e orientação, por meio de pontos de referência, a professora iniciou a aula fixando no quadro um cartaz com uma cena da história de

Chapeuzinho Vermelho e contou a história enquanto os alunos acompanhavam a leitura no livro paradidático. Em seguida, pediu que eles observassem o cartaz para que pudessem descrever o que haviam entendido. Um aluno perguntou: “[...] o que são esses números no desenho?”, e a professora respondeu que eram pontos de referência. Ela poderia ter perguntado para o aluno o que ele achava que eram aqueles números, como forma de estimulá-lo a pensar, pois respostas pontuais, segundo Vygotsky (2001), matam o desejo de apreender.

O objetivo dessas atividades era promover noções de localização e orientação por meio dos pontos de referência contidos no cartaz, principalmente o rio (maior distância) e a floresta (menor distância), que tinha o lobo como desafio. Percebemos que nesses dois momentos a intenção era desenvolver noções gerais de conceitos como pontos de referência, espaço e tempo.

O procedimento utilizado pela professora foi importante para que os alunos pudessem fazer uso dos conceitos para resolver problemas da vida prática. Isso se efetivou quando a professora solicitou que os alunos desenhassem o trajeto de sua casa para a escola, apontando alguns pontos de referência. Nessa aula, alguns alunos perguntaram o que era ponto de referência e a professora respondeu de imediato, perdendo a oportunidade de fazer com que os alunos pensassem sobre o conteúdo.

Após a explicação da professora, os alunos começaram a falar de pontos de referência para localizar a escola e sua casa e, posteriormente, desenhar o trajeto. Todos os alunos fizeram a tarefa, mas alguns desenhos apresentaram o trajeto e os pontos de referência pouco compreensíveis. Nesse caso, entendemos que a professora deveria retomar o conteúdo na aula seguinte para um aprofundamento dos conceitos relacionados ao tema.

Na aula seguinte, a professora perguntou sobre o que haviam estudado na aula passada e um dos alunos disse: “[...] estudamos sobre ponto de referência, tem quatro pontos de referência para chegar à minha casa” (Aluno “A”). A professora perguntou sobre os pontos de referência da história de Chapeuzinho Vermelho para introduzir o conteúdo daquele dia - “Cuidados com a nossa moradia”.

Com a introdução do novo conteúdo, percebemos a desarticulação entre os conteúdos muito presente em nossas escolas e que no caso específico desse trabalho tem como responsável a dependência do livro didático, nos quais os conteúdos se apresentam consideravelmente fragmentados.

Nas duas últimas semanas do mês de junho, aproveitando a euforia e a motivação dos alunos, a professora ensinou os conteúdos relacionados aos países que estavam participando da Copa do Mundo e as cidades sedes, no Brasil. Os alunos ficaram muito empolgados e participaram ativamente das tarefas propostas, geralmente os meninos eram mais participativos do que as meninas, pois eram mais ligados ao futebol. Na primeira operação, a professora colocou o mapa mundi no quadro e disse que estavam participando da copa países de todos os continentes, e perguntou se eles sabiam quantos países estavam participando da copa. Vários alunos responderam, mas

nenhum disse trinta e dois, então a professora respondeu: “São trinta e dois países”. Um aluno perguntou: “[...] por que só poucos países que participam?”. A professora respondeu que existem mais de duzentos países e não daria para todos participarem, pois precisaria de muito tempo para os jogos – mais uma vez perdeu a oportunidade dos alunos pesquisarem sobre o tema. Na sequência, entregou uma folha com uma lista das cidades sedes da copa e o nome dos estádios, além de um mapa do Brasil com as cidades destacadas. Levou os alunos até um pequeno mapa do Brasil que fica pendurado na lateral da sala e dialogou sobre os estados em que estavam ocorrendo os jogos da copa. Entregou um mapa do Brasil dividido em estados e, como segunda tarefa, pediu que eles pintassem os estados em que estavam ocorrendo os jogos da copa. Alguns alunos fizeram comentários interessantes sobre o tamanho dos estados: “O estado de Amazonas é grande e o Rio de Janeiro pequeno”. (Aluno B). - “Não, disse outro aluno. O Rio de Janeiro não é pequeno, é menor que o Amazonas, mas foi reduzido para caber no mapa”. (Aluno A). Essa fala foi importante para introduzir uma tarefa envolvendo o conceito de escala, mas para isso era necessário que o professor estivesse preparado para situações como essa, pois isso acarretaria conhecimentos que não havia sido planejado.

Merece destaque, nessa tarefa, que, embora com algumas limitações conceituais e materiais, a professora procurou superar a fragmentação típica dos currículos tradicionais. Nesses currículos os estudos iniciam, no primeiro ano, pelo espaço ocupado pelo corpo, pela casa e pela rua e, de forma linear, se ampliam, nos anos seguintes, para os estudos do bairro, da cidade, do estado, até chegar ao mundo. Para Cavalcanti,

O questionamento a essa abordagem já é feito desde o final do século XX, por se entender que desde o primeiro ano, deve se trabalhar a ideia de que os espaços de vivência, a configuração desses espaços, o “jeito” que eles vão tomando, tem a ver também com a produção de espaços maiores, da cidade, do estado ou do país ou mesmo de outro país, porque é resultado de um processo histórico e social mais amplo, do qual esses espaços fazem parte. (CAVALCANTI, 2012, p. 166-167)

Outro aspecto importante no desenvolvimento metodológico se deu em relação ao tratamento do conceito de lugar, pois nas aulas em que foram ensinados os conteúdos sobre os países que participaram da Copa e os estados brasileiros que sediaram os jogos não houve referência a esse conceito. Isso seria possível se a professora, a partir do conceito de futebol, envolvesse, por exemplo, os lugares nos quais os alunos praticam esse esporte no cotidiano. Entretanto, nas aulas anteriores em que foram trabalhados conteúdos relacionados à organização espacial, localização, orientação, representação cartográfica, pontos de referência e relações espaciais, o quarto, a rua, a casa e o bairro foram o ponto de partida para as primeiras noções sobre esse sistema de conceitos. Isso é fundamental para a aprendizagem, pois, segundo Relph (2012) o lugar é onde conflui a experiência do cotidiano, e também como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha que se estender para além deles para entender o que significa o mundo.

## 2.2 Atuação da professora “P4”

A professora “P4” exerce a atividade docente há dezesseis anos. Concluiu as graduações<sup>1</sup> e a especialização na modalidade presencial em uma instituição particular e, em 2014, exerceu a docência em uma sala do 5º ano formada por dezesseis alunos. Quanto ao desenvolvimento do conteúdo, observamos que a professora trabalhou a divisão político-administrativa brasileira do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a divisão do continente americano e relevo e vegetação no Brasil. Nas aulas referentes aos dois primeiros temas a professora utilizou a mesma metodologia: fez uso de dois mapas, um do Brasil e outro do continente americano com o contorno dos estados no primeiro e dos países no segundo. As duas tarefas estavam acompanhadas por uma lista de perguntas e informações para que os alunos respondessem ou, a partir delas, colorissem o mapa enquanto consultavam o livro didático. A instrução da professora era: “Pinte de verde o estado em que você mora. Quais estados que compõem a nossa região? Quais estados compõem a região Sul? Quantos estados formam a República Federativa do Brasil?”.

Chamou nossa atenção a forma como os conceitos passaram despercebidos nos exemplos anteriores. É possível destacar, no conteúdo abordado, a presença de três conceitos relacionados à organização socioespacial – conceitos de região, república e federação. Assim, a palavra região, muito comum no cotidiano, passou despercebida, isso porque de tanto ouvir e repetir se tem a impressão de domínio do conhecimento que, na verdade, não passa de um produto. Nessa perspectiva, sabemos que existe região por ser um termo muito utilizado empiricamente no cotidiano. Este conhecimento, segundo Vygotsky (2001), ocorre do particular para o geral e do concreto para o abstrato, com a generalização das coisas, e não do pensamento. O mesmo aconteceu com o termo “República”, mas a palavra “Federativa”, embora componha o nome do nosso país, não é muito comum na linguagem cotidiana e houve alguns questionamentos. Entretanto, o livro didático trazia apenas que o nome oficial do Brasil é República Federativa do Brasil. Isso fez com que passasse despercebido e os alunos apenas copiaram o que estava no livro e a aula prosseguiu. Nesse caso, segundo Libâneo (2010), o professor precisou apenas das condições empíricas para passar o conteúdo pré-elaborado. Vale ressaltar que, nessa proposta pedagógica, o máximo que os alunos conseguem é a classificação e a memorização mecânica.

Em relação ao conteúdo sobre o continente americano, os procedimentos foram os mesmos, ou seja, inicialmente a professora apresentou o mapa e as perguntas para explorá-lo: “[...] o continente americano está dividido em três partes. Quais são elas? Que países compõem a América do Norte? Quais são os países antilhanos? Quais países fazem parte da América Central? Que países da América do Sul fazem divisa com o Brasil e quais não fazem?”. Aos alunos caberia pesquisar no livro didático, pintar o mapa e responder as questões.

---

1. Além da formação em Pedagogia, a professora possui graduação em História.

Quatro aspectos merecem destaque nessa aula: o primeiro diz respeito a uma pergunta feita por um aluno: “O que é América Anglo-Saxônica?”. Como a professora carecia de conhecimentos deu a entender que era sinônimo de América do Norte; o segundo refere-se à outra pergunta: “Por que não pode pintar os países de azul?” Boa pergunta! Mas a aluna ficou com a resposta de um colega que disse: “azul é a cor do oceano”. Nesse aspecto, passou despercebido o conceito de convenção cartográfica e, mais uma vez, prevaleceu o ouvir e o reproduzir empiricamente uma informação; o terceiro ponto diz respeito ao conhecimento cotidiano em relação aos termos em cima e embaixo como sinônimos de norte e sul. Essas relações topológicas elementares são importantes para o desenvolvimento do conhecimento científico (conceito), mas a educação escolar deve ter como meta sua superação. Para isso, é necessária a organização do ensino que possibilite a apropriação dos conteúdos produzidos historicamente. Por último e não menos importante, chamou nossa atenção à inexistência de referência ao lugar. Barra do Garças (MT) tem uma localização geográfica privilegiada para tomá-la como ponto de partida para os estudos sobre divisão territorial em escalas geográficas maiores. A cidade faz divisa a leste com a cidade de Pontal do Araguaia (MT) e Aragarças (GO). Temos aqui elementos simbólicos importantes para o desenvolvimento do conceito de divisão territorial, em uma perspectiva teórica, para possibilitar que os alunos façam generalizações para outras escalas e regiões do planeta.

Nesse sentido, “[...] esse é o exercício a ser feito na geografia, essa é sua contribuição no desenvolvimento intelectual dos alunos, proporcionando instrumentos simbólicos que permitem uma visão particular da realidade” (CAVALCANTI, 2013, p. 55). Assim, segundo a autora, é possível “enxergar” para além do empírico.

No estudo do relevo e da vegetação do Brasil a professora iniciou entregando aos alunos duas folhas, nas quais pediu que escrevessem “relevo” em uma e “vegetação” em outra. Entregou também edições desatualizadas de livros didáticos para que os alunos pudessem recortar. A tarefa consistiu em recortar figuras sobre relevo e vegetação e colar nas folhas. Para desenvolver essa tarefa, a sala de aula foi dividida em quatro grupos, mas essa divisão não foi explorada pela professora, pois os alunos trabalharam individualmente, não havendo justificativa para tal organização.

A metodologia de aula empregada pela professora pouco contribuiu para a apropriação dos conceitos por parte dos alunos, uma vez que, ao escolherem as figuras do livro didático para serem coladas nas folhas, estabelecem uma relação mecânica com o conteúdo.

Nesse sentido, o ensino de Geografia está dissociado do lugar de vivência dos alunos e, muitos deles, provavelmente, nem sabem que a escola está localizada em uma área de fundo de vale e que um córrego deu lugar a uma rua próxima à escola, sendo canalizado para possibilitar o avanço da mancha urbana. Esses elementos são de grande relevância para a compreensão da organização socioespacial do lugar onde vivem e poderia ser tomado como ponto de partida para a compreensão do relevo e da

vegetação, enquanto conteúdos curriculares.

Um aspecto interessante aconteceu com uma aluna que recortou do livro figuras de relevo com formatos variados, quando perguntamos: O que tinha causado aqueles formatos nas rochas? Ela disse que não sabia, mas achava que tinha sido o homem. Na sequência perguntamos para dois alunos o que entendiam por relevo. Um disse que era um tipo de vegetação e o outro retrucou: “Não! Relevo são montanhas, planaltos, serras, etc.”. Na resposta do segundo aluno, evidencia-se o resultado de uma forma de organizar o ensino que privilegia o dado empírico por meio do qual, segundo Davydov (1988), as crianças não ultrapassam a enumeração e a classificação.

Esse fato não é específico da prática da professora “P4”, visto que, segundo Cavalcanti, as pesquisas na área de ensino de geografia têm demonstrado que essa tem sido uma prática muito comum nas escolas brasileiras.

As aulas ainda seguem, em muitos casos, o estilo tradicional de transmissão verbal, com a preocupação principal de “passar” o conteúdo que está sistematizado e disponível nos currículos e no livro didático. A aprendizagem é buscada pela repetição do conteúdo nas atividades em classe ou em casa. (CAVALCANTI, 2010, p. 6)

Vale ressaltar que o lugar, como proposta metodológica, não apareceu na organização da aula. É nesse sentido que Young (2011) chama a atenção para o papel da escola (professores) de trazer para a realidade dos alunos o conhecimento que se produz em esferas ou instâncias superiores e que, de outra forma, estaria fora de seu alcance. Isso porque para as crianças, muitas vezes, isso é “coisa de livro” ou dos meios de comunicação como a televisão e a internet. Uma alternativa para essa maneira de organização seria estimular no aluno o gosto pela pesquisa.

Essa não é uma realidade específica da atuação da professora, pois a pesquisa ainda é pouco explorada na educação escolar brasileira. Para Demo é preciso mudar essa imagem e, para isso, aponta que “[...] é essencial desfazer a noção de aluno como sendo alguém subalterno, tendente a ignorante, que comparece para escutar, tomar nota, engolir ensinamentos, fazer provas e passar de ano”. (DEMO, 2007, p. 15). Essa é uma discussão que também esteve presente na elaboração dos PCNs ao estabelecer que um dos objetivos da Geografia é “[...] conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições” (BRASIL, 1997, p. 81). Nas Orientações Curriculares para o Estado de Mato Grosso essa ideia também aparece ao estabelecer o estudo do meio como uma das estratégias didáticas “O estudo do meio é um procedimento de pesquisa muito rico e importante para o processo de aprendizagem, porque permite ampliar o conhecimento da realidade física, social e cultural [...]”. (MATO GROSSO, 2010, p. 72) Com isso reiteramos que cabe aos professores o conhecimento teórico dos conceitos disciplinares e a organização do ensino a partir dos conhecimentos cotidianos dos alunos, da pesquisa e da realização tarefas. Esse pode ser um caminho



promissor para a apropriação dos conteúdos de forma teórica pelos alunos. Foi com essa preocupação que organizamos o curso de formação continuada na perspectiva do ensino para o desenvolvimento com ênfase ao conceito de lugar como categoria fundamental para o ensino de geografia.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os resultados obtidos com a pesquisa, percebemos a necessidade da continuidade destes estudos nos grupos de estudo e pesquisa e no Cefapro.

Segundo Davydov, a renovação do ensino com vistas à superação do modelo tradicional de transmissão de conhecimento meramente empírico é um processo de longo prazo e que dificilmente se resolve com apenas um curso de formação continuada. Além disso, temos consciência de que o tempo destinado aos estudos no curso de formação continuada comprometeu a conjugação dos elementos fundamentais para a organização do ensino e para a mediação da aprendizagem, ou seja, os conhecimentos psicopedagógicos, didáticos e disciplinares. Soma-se a isso o fato de que a cultura escolar está envolta pela lógica da transmissão do conhecimento e pela passividade dos alunos no processo de aprendizagem.

Embora esses aspectos tenham interferido nos resultados do curso de formação continuada, podemos afirmar que ocorreram indícios de apropriação teórica do conceito de lugar; porém, pouco se evidenciou, nas práticas pedagógicas das professoras, uma mudança em relação à proposta metodológica que levasse à superação do ensino tradicional e à utilização do lugar com referência para o ensino dos conteúdos geográficos.

Os resultados podem estar relacionados ao fato de que, embora as professoras estejam em processo de apropriação dos conceitos, apresentam dificuldade em organizar o ensino nessa perspectiva. Soma-se a essa ideia o fato de o curso estar direcionado à apropriação teórica do conceito de lugar, com pouco ou nenhum controle sobre outros conhecimentos didático-pedagógicos imprescindíveis para se organizar o ensino de forma que se promova nos alunos o desenvolvimento do pensamento teórico.

Esse tem sido um dos problemas relacionados às diferentes formações, tanto inicial como continuada, pois tem sido mais cômodo seguir o livro didático, com o qual não se faz necessário gastar um tempo razoável para planejar as aulas, basta seguir o que está proposto no livro.

Diante disso, entendemos que a viabilização da proposta do ensino desenvolvimental na formação continuada deve ir além do ensino dos conceitos, e isso implica que os professores formadores participem do planejamento e da execução das propostas no decorrer do ano letivo. De outra forma, incorreremos no mesmo problema dos cursos de formação continuada de natureza pontual, em que o conhecimento

produzido tem apresentado pouca alteração na prática pedagógica dos professores.

Com isso queremos dizer que os professores não podem ser considerados como meros executores e cumpridores de decisões técnicas e burocráticas desenvolvidas em condições diferentes da realidade escolar. Essa condição reforça a nossa proposição de participação mais efetiva das instituições formadoras no desenvolvimento de uma proposta de superação do ensino meramente empírico. Além disso, o que se tem visto em seu processo formativo é a prática considerada em si mesma, dissociada da análise crítica.

Como nosso objetivo principal era analisar as contribuições do curso de formação continuada na prática pedagógica das professoras, ou seja, na superação do ensino empírico dos conteúdos geográficos e no uso do lugar como referencial teórico para o ensino de Geografia, na observação das aulas percebemos diferentes níveis de apropriação conceitual por parte das duas professoras. Algo plenamente previsível se considerarmos que a apropriação dos conceitos pode variar de acordo com as necessidades e os motivos.

Assim, principalmente em relação à dialética local/global, a maioria das aulas da professora “P5” teve o lugar do aluno como ponto de partida para o ensino. Por outro lado, na atuação da professora “P4”, não foi possível perceber o lugar do aluno e os conhecimentos cotidianos em sua organização do ensino.

No entanto, de nossa experiência com esta pesquisa podem ser capturados alguns elementos para uma crítica mais ampla acerca de suas contribuições e limites e seu verdadeiro valor, para pensar a formação continuada a partir dos fundamentos da teoria histórico-cultural. Isso se deve principalmente por ter nos proporcionado vivenciar empiricamente a prática pedagógica das professoras e desse modo, tendo como referencial os resultados alcançados, apontamos algumas possibilidades pelas quais é possível ampliar as contribuições do ensino desenvolvimental na formação continuada de professores. a) mesmo que a formação se realize em cursos com períodos de curta duração – quarenta horas, por exemplo – é necessário que se estabeleça etapas de planejamento e execução da teoria em sala de aula, com o acompanhamento do professor formador; b) ir além do ensino dos conteúdos disciplinares, haja vista que a pesquisa demonstra fragilidade didático-metodológica de uma parcela significativa das professoras envolvidas.

Enfim, o estudo nos proporcionou a convicção de que o ensino desenvolvimental se apresenta como alternativa a ser considerada caso se queira buscar perspectivas para a melhoria da formação continuada de professores, no contexto da educação brasileira, em que são inúmeras as dificuldades, principalmente por parte dos pedagogos, para avançar no processo de ensino e aprendizagem dos conceitos geográficos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, L de S.. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. **Anais do Seminário**, 2010, p. 1-16.

\_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. Geografia escolar e a busca de abordagens teórico/práticas para realizar sua relevância social. In: SILVA, E. I. da; PIRES, L. M. **Desafios da didática em geografia** (Org.). Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013. p. 45-65.

DAVYDOV, V. V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Havana: Editorial Progreso, 1988.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 8.ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

LIBÂNEO J. C. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Ciências Humanas – Educação Básica**. Cuiabá-MT: Gráfica Print, 2010.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YOUNG, M. F. D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**. V. 16, n. 48, set-dez. 2011. p. 609-623.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-019-3

